

Tecnologia Social e empoderamento: o caso do aplicativo Solidarius

Eduardo Amadeu Dutra MORESI (moresi@ucb.br)
Sibele Grasiela Guedes GODINHO (sibelegodinho@gmail.com)
Ricardo Spindola MARIZ (marizricardo@gmail.com)
Mestrado em Gestão do Conhecimento e da TI, Universidade Católica de Brasília
Brasília, DF 71966-700, Brasil

y
Jair Alves BARBOSA (jairab@yahoo.com.br)
Mário de Oliveira BRAGA Filho (braga@ucb.br)
Michel Carmo LOPES (mclopes.mail@gmail.com)
Waldemar Anton OSMALA Júnior (osmala@iclou.com)
Curso de Ciência da Computação, Universidade Católica de Brasília
Brasília, DF 71966-700, Brasil

RESUMO

Este artigo considera as potenciais motivações do uso de um aplicativo social para a realização de doações para famílias carentes. Os *smartphones* e seus indissociáveis aplicativos fazem cada vez mais parte do cotidiano das pessoas, que passam todo o tempo com seus aparelhos sempre ligados, sempre conectados, tão próximos como a própria roupa do corpo. O estudo conduzido observou, ao abordar o aplicativo social Solidarius criado para realização de doações para o grupo de assistência social Sociedade São Vicente de Paulo - Vicentinos, que a solidariedade mediada pela tecnologia materializa-se em uma nova modalidade assistencial. Apesar de ser anônima, esta possibilita a existência de um vínculo, que exclui o envolvimento direto com as pessoas em situação de vulnerabilidade comum nas ações de voluntariado, mas permite ao usuário um sentido de pertencimento a uma instituição ou a uma causa maior que ele mesmo, além de gerar os sentimentos de satisfação e gratidão.

Palavras-Chave: Tecnologia Social, Empoderamento, Dispositivos Móveis, Solidarius, aplicativos cívicos.

1. INTRODUÇÃO

A relação do homem com a tecnologia é fundamentalmente uma relação de trocas onde o indivíduo busca a tecnologia, em última instância, como um instrumento que agrega conforto e felicidade. Este conceito geral da função da tecnologia na sociedade é explicado por Dickson [1], entre diversos outros autores, quando expõe que existe a promessa de um caminho ao futuro que é próspero e brilhante, e que se tende, inclusive, a julgar as sociedades como atrasadas ou avançadas pelo grau de sofisticação que esta apresenta.

Entretanto, há sinais evidentes de que as tecnologias dominantes estão integradas a um contexto de desenvolvimento econômico que promove abismos sociais, o esgotamento dos recursos do meio ambiente e a alienação do indivíduo [2]. Nesse sentido, o indivíduo é alvo constante das exigências de consumo dos meios de comunicação e de uma ideologia gerencial que apregoa a sua entrega sem limites à empresa (seu tempo, seus valores, seu lazer), resultando em jornadas de trabalho intermináveis na corrida para a produtividade e um pretenso sucesso [3].

A tecnologia dos dispositivos móveis e seus indissociáveis aplicativos vem provocando desde a sua popularização mundial,

há pouco menos de dez anos, mudanças significativas nas sociedades em geral. Estudos despontam em diversas áreas do conhecimento sobre os reflexos destas mudanças de comportamento em função do uso de determinados aplicativos [4]. Já é seguro afirmar, que esta tecnologia modificou não apenas as formas de comunicação e de relacionamento entre as pessoas, mas também as relações de mercado e vários ramos da economia, as formas e relações de consumo, de trabalho, de entretenimento, de educação e aprendizagem, etc. Assim que se criam novos aplicativos em uma área ainda não explorada, esta sofre profundas modificações, instigando o senso comum a chamar tal impacto de o fenômeno dos aplicativos (apps).

Os aplicativos sociais (*social apps*), também chamados de aplicativos cívicos, são categorizados como ferramentas da tecnologia social e surgem, neste contexto, com uma finalidade alternativa ao desenvolvimento tecnológico focado na produção, no consumo, na vigilância e na gestão do indivíduo. Para Baumgarten [5], a tecnologia social é responsável por envolver diversos atores sociais, onde a técnica passa a ser instrumento de emancipação social e não de dominação e alargamento das desigualdades sociais, bem como a produção de conhecimentos tecnocientíficos é voltada para a sustentabilidade socioeconômica.

A relevância do trabalho está nas reflexões sobre o encontro aplicativo social e dádiva. Na reunião de informações sobre estes dois aspectos da realidade moderna que, apesar de aparentemente opostos em seus contextos de origem, se unem por meio da ponte da tecnologia revelando que existem indícios de que o homem moderno deseja usar a tecnologia para ações mais nobres. Para algo que envolva a necessidade de empoderamento e interferência diante da realidade social, de pertencimento e de contribuição com grupos que atuem para um bem maior e de auto realização ao solidarizar-se.

Partindo da hipótese de que os aplicativos sociais podem ser sintetizados num binômio altruísmo-felicidade como uma oposição e uma via alternativa ao universo de desenvolvimento e uso da tecnologia corrente presa ao binômio produção-consumo, este artigo visa contribuir com a produção de conhecimentos entrelaçados ao campo da gestão social do conhecimento e das influências recíprocas entre tecnologia e sociedade.

Portanto, o artigo apresenta a conceituação de tecnologia social e empoderamento do cidadão e o aplicativo Solidarius, que foi desenvolvido para viabilizar a doação para famílias em situação de vulnerabilidade.

2. TECNOLOGIA SOCIAL E EMPODERAMENTO

A tecnologia se posiciona dicotomicamente na história do homem como uma balança entre perdas e ganhos. Como se o sentido de troca estivesse imbricado em sua própria composição: se existe tecnologia, existe troca, existem perdas e ganhos. Se por um lado a tecnologia dá poder, por outro gera dependência. Se traz conforto, exige dedicação. Se melhora os resultados, demanda cada vez mais recursos e não menos importante, parafraseando Baumam [23], se traz segurança, limita a liberdade.

Curiosamente a história da tecnologia se confunde com a história do homem de tal forma que em vários momentos pode-se questionar, como em um dilema de causalidade, se a tecnologia serve ao homem ou o homem à tecnologia. Esta visão na qual o homem não controla a tecnologia, mas a tecnologia que empurra o homem para o desenvolvimento e o progresso a qualquer custo, e em especial a custo do suor do operário em benefício do industrial capitalista é chamada de visão Determinista, e é facilmente associada ao atual cenário político-econômico-social em que vivemos.

Alguns autores classificam as correntes de interpretação e ensino da tecnologia em quatro visões: instrumentalista, determinista, substantivista e crítica. A Figura 1 apresenta a caracterização destas quatro visões.

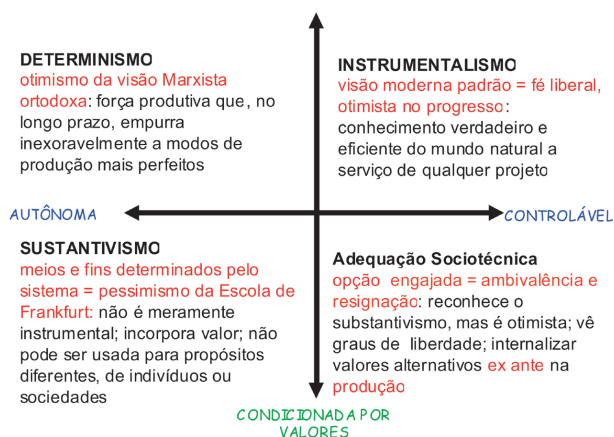


Figura 1 – As quatro visões de interpretação e ensino da tecnologia [9].

Para Ianni as tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas impregnam crescente e generalizadamente todas as esferas da sociedade mundial; e de modo particularmente acentuado, as estruturas de poder, as tecnoestruturas, os lobbies, as organizações multilaterais e as corporações da mídia [25]. Os processos simbólicos de disseminação de mensagens pelas novas tecnologias, impactam os referenciais dos indivíduos e comprometem o exercício da cidadania. Em alguma medida, esses grupos, classes ou blocos de poder dispõem de influência mais ou menos decisiva nos meios de comunicação, informação e propaganda, isso é, na mídia impressa e eletrônica, sempre funcionando também como indústria cultural.

Para além destes cenários, Bauman [24] afirma que hoje se vive o que ele tem chamado de interregno que é quando uma antiga forma de fazer não funciona mais, mas as novas formas de fazer ainda não foram inventadas. Ao propor uma outra globalização, Santos [2] afirma que a globalização atual não é irreversível e que a mesma materialidade utilizada para construir um mundo

confuso e perverso pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano, ao se concretizarem as mutações tecnológicas e filosóficas no homem enquanto espécie. A mutação tecnológica em curso seria o salto no avanço tecnológico das tecnologias que hoje utilizamos e especialmente com a democratização das tecnologias. A mutação filosófica do homem seria um novo sentido à existência de cada pessoa e da responsabilidade desta com o próximo e com o planeta.

Para Leite, Cunha e Tavares [6] o termo empoderamento tem raízes nas lutas pelos direitos civis, na emancipação feminista e na ideologia da ação social, estando vinculado aos movimentos que visam a afirmar o direito de cidadania nas distintas esferas sociais. Segundo Valoura [7], o termo *empowerment* significa dar poder. Contudo, na realidade brasileira, o educador Paulo Freire deu-lhe outro significado, onde o sujeito não é passivo e sim ativo. Ninguém lhe dá o poder ou a condição de fazer, é ele que por si, busca e consegue. Empoderamento, pode ser visto como a noção da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física de qualquer natureza[6]. Assim, a pessoa ou grupo empoderado, é aquele que por si mesmo, realiza as ações que a levam a evoluir e a se fortalecer.

A tecnologia social, um meio de empoderamento, é definida como produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social [8]. Com a tecnologia social, os grupos e comunidades se empoderam. Mas se a tecnologia social, via de regra, depende da adoção de toda uma comunidade para surtir os efeitos de empoderamento e transformação, com os aplicativos sociais estes efeitos são individualizáveis. Os indivíduos se unem por uma causa que pode ser para a resolução de um problema social em sua vizinhança, como pode ser em outra cidade ou mesmo em outro país. Além da quebra de barreiras geográficas, entram em cena a velocidade e a capacidade de disseminação [2] e exposição em larga escala (chamada de viralização de informações) característica das redes sociais. Cabe situar a tecnologia social (TS) como aquela que busca a inclusão social e que é uma opção (formam oposição) às tecnologias convencionais [9].

Segundo Barbieri e Rodrigues [10] diversas concepções tecnológicas desenvolvidas nas décadas de 60 e 70, chamadas de tecnologias apropriadas, foram desenvolvidas como opções às tecnologias em uso nos países desenvolvidos e transplantadas para os demais por meio de multinacionais. O principal mérito do movimento foi discutir a tecnologia fora da ótica do capital, mas com a globalização nos anos 80, a importação de tecnologia externa sob pretexto da competitividade extrema entre os países fez o movimento perder sua força. Com o rastro de degradação ambiental e a evidente exclusão social, o movimento ressurgiu a partir dos anos 2000 com o nome de tecnologias sociais, mas agora com o apoio das Nações Unidas, de alguns governos e de parte da sociedade civil. Como aprendizado do movimento em prol das tecnologias apropriadas ficou a certeza de que não é um sinônimo para tecnologia atrasadas, como se supôs: esta visão está aquém do entendimento que tecnologias de baixo impacto ambiental que geram melhorias, permitem a continuidade da exploração dos recursos naturais e podem contribuir com a erradicação da pobreza [9]. Portanto, a tecnologia social foca na construção de soluções de modo coletivo pelos que irão se beneficiar dessas soluções e que atuam com autonomia.

3. SMARTPHONE: REALIDADE INCONTESTÁVEL E APONTAMENTOS PRA UM FUTURO PRÓXIMO

Grande parte do sucesso dos telefones inteligentes, os chamados *smartphones*, está na sua aderência ao ritmo e à velocidade da vida moderna. Estes objetos que abrigam o que há de mais inovador na tecnologia para dispositivos móveis estão imersos no contexto da realidade social capitalista, globalizada e com a dependência do uso da tecnologia em todas as dimensões da vida moderna: nas operações do trabalho, nas dimensões do lazer e nas relações pessoais. Para Moura Fé (2008), o cenário atual é o de uma revolução digital, onde o telefone celular, por meio da tecnologia móvel que as redes sem fio proporcionam tornou-se um instrumento convergente para soluções com todas as necessidades do homem.

O celular é uma espécie de “teletudo” que permite fazer ligações, tirar fotos, pagar contas, assistir televisão, ouvir música, mandar e-mails ou mensagens, comprar qualquer coisa e ainda, envolver-se em torno de uma causa hedonista, política ou humanitária-onde entram os aplicativos sociais [11].

Ainda sobre a questão da importância dos celulares *smartphones* - os que são capazes de agregar diversas tecnologias em uma convergência de mídias - é importante ressaltar a visão de Moura Fé [12]: apesar dos profundos, diversificados e extremamente válidos estudos sobre a Internet, é o celular o objeto que tornou a internet e tudo o que ela traz e significa acessível às populações, sua adesão em larga escala, nos mais diversos países, independentemente da cultura, tornando-o o objeto central da pós-modernidade. Novas tecnologias criam novas formas de agir e de se relacionar, e os celulares criaram uma série de novos fenômenos ainda em análise pela academia. Apenas para citar, há o trabalhador onipresente, que, por estar sempre conectado, altera a relação tempo/espaço podendo estar presente em locais a quilômetros de distância e a qualquer tempo [3]. Há também a comunicação paralela e simultânea, onde o usuário pode estar em contato com diversas pessoas diferentes por meio das diversas ferramentas, gerando espaços alternativos e possibilitando o contato perpétuo entre outros fenômenos [13].

A importância dos celulares e seus aplicativos para o homem pós-moderno é tamanha, que Moura Fé [12] afirma que em muitos casos as pessoas se tornam dependentes da conectividade e da flexibilidade que estes representam e acabam por estruturar suas vidas e hábitos pessoais ao redor do aparelho. O celular seria literalmente uma extensão das funções do corpo humano. E é o celular e seus aplicativos, que deve gerenciar e centralizar as informações dos novos avanços da tecnologia móvel, a chamada internet das coisas.

Em 2005 a União Internacional de Telecomunicações (ITU) divulgou um relatório [12] informando que em pouco tempo, toda sorte de objetos, como livros, aparelhos domésticos, carros e roupas estariam conectados à internet, gerando e transmitindo informações aos seus usuários: embutir transmissor de dados sem fio de curto alcance em uma ampla gama de aparelhos e itens do dia-a-dia tornará possível novas formas de comunicação entre coisas e pessoas e entre coisas e outras coisas. Uma nova dimensão foi adicionada ao mundo da tecnologia da informação e comunicação, além da comunicação a qualquer hora e em qualquer lugar para qualquer pessoa (*anytime, anyplace for anyone*), além da conexão com qualquer coisa (*anything*) [12].

Já estão em testes alguns dos instrumentos da internet das coisas como fechaduras de casas conectadas a smartphones da empresa Genius Smarth Lock, o *Google Glass* que é um óculos de sol inteligente e um protótipo que está sendo desenvolvido pela Ford e pela INTEL que pretende reinventar o interior dos automóveis. Ao entrar em um carro com essa tecnologia, uma câmera vai fazer o reconhecimento do rosto do motorista, a fim de oferecer informações sobre seu cotidiano, recomendar músicas e receber orientações para acionar o mapa com GPS. Não reconhecendo o motorista, o protótipo envia uma foto para o smartphone do dono do carro e pergunta se quer que acione a polícia [14]. No centro destas inovações que farão cada vez mais parte do cotidiano está o celular e seus aplicativos.

Com tamanha tecnologia e tantas ferramentas e funcionalidades acessíveis para grande parte da população mundial já não era de se esperar que as grandes mazelas sociais, como a fome, a miséria, o saneamento básico, os acúmulos do lixo, entre outras, estivessem extintas, ou a caminho disso? Os avanços científicos e tecnológicos bem como a disponibilidade de uma unicidade técnica já não deveriam ter as soluções?

Ocorre, no entanto, que com a unicidade da técnica da época em que vivemos [2], tem-se também a unicidade de momentos, resultado do progresso científico e técnico pós Segunda Guerra Mundial, que acoplou a operação planetária ao mundo das finanças e com a globalização permitiu que o mercado, as fábricas, as empresas, funcionem 24h/dia e ainda, autorizou que se tome conhecimento do que é o acontecer do outro. Compartilha-se um momento a partir de múltiplos lugares, e todos os lugares, a partir de um só deles: é o tempo real. Mas a percepção de que se vivencia em coletividade um tempo de evolução e benefício generalizado da técnica e do progresso, se esvai com a realidade das desigualdades.

O padrão de vida no século XVIII, em qualquer lugar do planeta, era no máximo duas vezes superior àquele em vigor na região mais pobre [15].

No século XXI, quando se imaginou que a tecnologia e o progresso melhorariam a vida de todos, temos que o Qatar, país mais rico, tem uma renda per capita 428 vezes maior do que o país mais pobre, o Zimbábue. Santos [2] esclarece que: a ideologia de um mundo só e da aldeia global considera o tempo real como um patrimônio coletivo da humanidade, mas ainda estamos longe deste ideal. A história é comandada pelos grandes atores deste tempo real, que são ao mesmo tempo, donos da velocidade e os autores do discurso ideológico. Os homens não são igualmente atores desse tempo real. Potencialmente, ele existe para todos, mas efetivamente, ele é excludente e assegura exclusividades e privilégios de uso [2].

Contudo, é evidente que os avanços científicos e tecnológicos obtidos não beneficiaram a todos, ao contrário, ocasionaram a perda dos domínios e levaram grande parte das populações à marginalização e à miséria material e cognitiva: os que se beneficiaram estão camuflados no discurso de neutralidade da Ciência e Tecnologia e sobre a promessa de que o progresso irá beneficiar a maioria [16].

O questionamento quanto aos propósitos da ciência e especialmente quanto aos méritos que a tecnologia traz para a sociedade vêm sendo discutidos há pelo menos 5 décadas pela academia. Bazzo, Silveira e Pinheiro [17] destacam que o

movimento CTS - que abrange estudos entre as inter-relações entre a Ciência, a Tecnologia e a Sociedade, e que questionam se a relação tecnologia mais ciência é igual a mais bem-estar social, remonta aos anos 60. Mas, longe dos olhos da academia, os aplicativos sociais parecem propor novas respostas a estes questionamentos, e, sem esperar políticas públicas bem definidas que incentivem a tecnologia como uma mola propulsora do desenvolvimento social, estão disponíveis para uso, disseminação e, possivelmente, transformação, sendo também, um instrumento para a solidariedade.

4. Os APLICATIVOS CÍVICO-SOCIAIS

O objeto de estudo desta pesquisa é o Solidarius, caracterizado como um aplicativo cívico-social com foco em doações de recursos materiais. Esta categoria engloba os Apps que têm o propósito de alertar para uma causa social e apelar para um esforço ativista ou de voluntariado [26]. Alguns aplicativos da administração pública podem ser classificados também como cívico-sociais em função da prestação de serviços ou melhoria de uma situação social delicada em parceria com a comunidade, seja pela contribuição de trabalho voluntário da população, seja com o fornecimento e verificação de dados e informações.

É importante frisar que aplicativos sociais são entendidos nesta pesquisa como aqueles que estão vinculados a um propósito social, e não devem ser confundidos com aplicativos de relacionamento social, tais como Facebook, LinkedIn e Twitter. É forçoso reconhecer, entretanto, que muitos destes aplicativos de relacionamento pessoal, embora não tenham sido desenvolvidos para propósitos de causas sociais, podem por meio da viralização de mensagens, contribuir para informar a população sobre determinadas situações pontuais de vulnerabilidade e podem ainda, ser importantes ferramentas para mobilização popular em benefício de uma instituição caritativa ou de alguma mazela social. São ainda responsáveis pela disseminação de movimentos de *crowdfunding*, que são formas de financiamento coletivo e podem estar vinculados a problemas sociais.

Segundo Jensen (2011), o primeiro aplicativo social foi lançado em 2009, na App Store, por uma instituição de caridade vinculada à empresa de desenvolvimento de Apps e soluções para dispositivos móveis de Mike Kuhlmann. A empresa aproveitou uma visita do Dalai Lama à Alemanha e lançou o “Dalai Lama Gebetsmühle”, um App pago, com o custo de 79 centavos de dólar, que exibia mensagens do Lama randomicamente. Após quatro dias do seu lançamento, o App se tornou o terceiro mais baixado em sua categoria e seus criadores atribuíram o sucesso ao aproveitamento do momento em que foi lançado, visto que a visita do Dalai Lama foi considerada nos meios religiosos e políticos do país um acontecimento de grande honra e importância. A receita gerada pelo aplicativo foi doada para orfanatos em Uganda e no Tibet.

A maior parte dos aplicativos sociais é desenvolvida e mantida por instituições filantrópicas, ou seja, instituições que não visam lucro, tais como cooperativas, casas de caridade, grupos comunitários, empresas sociais, grupos religiosos, igrejas e organizações que fazem campanhas para arrecadar fundos para um dos grupos citados anteriormente. Entretanto, qualquer instituição, com ou sem fins lucrativos, pode desenvolver um App cívico social. O mais comum é que as instituições filantrópicas os desenvolvam, mas não há impeditivos que alguma empresa privada se solidarize com alguma causa social

e impulse (desenvolvendo, patrocinando ou promovendo) algum App social, tendo com isso, ganhos de associação de imagem. Ressalta-se que a caracterização como instituição filantrópica no Brasil, obedece a um rito legal de registro da entidade e apresentação de documentos para dois órgãos: o Conselho Nacional de Assistência Social e o Ministério responsável pela área de atuação da entidade. Segundo a Escorsim [27] podem ser consideradas instituições filantrópicas as fundações, templos de qualquer culto, partidos políticos, entidades sindicais, associações, entidades culturais, de proteção à saúde e instituições de ensino.

Independentemente da variedade de aplicativos sociais que possam ser desenvolvidos, algumas sub-categorias valem ser ressaltadas. Segundo Jensen [26], há Apps que contribuem com o objetivo de mudar uma determinada situação social, promovidos por instituições como o Greenpeace, UNESCO e a Anistia Internacional. Há aqueles que levantam recursos para pessoas necessitadas, geralmente vinculados a alguma religião, como os promovidos pela Caritas e pela Cruz Vermelha. Também há um subgrupo que é promovido por empresas médicas, que não buscam nenhum tipo de lucro direto, e que são usados como auxiliares no tratamento de doenças mentais crônicas, como o autismo.

Um dos fatores importantes ressaltados por Jensen [26] é a definição de objetivos claros para o app pelas instituições promotoras. O app pode ter como intuito arrecadar doações, conseguir voluntários para tarefas específicas, alertar sobre uma questão ambiental, informar ou educar o usuário sobre algum procedimento entre outros. O objetivo desejado irá interferir no tipo de aplicativo a ser desenvolvido. O Greenpeace, por exemplo, atua com objetivos de grande espectro, ou seja, não aponta para ações e objetivos específicos, mas como parte de estratégias com propósitos maiores. Cada App tem um alvo e aborda uma estratégia diferente. O aplicativo que aborda a questão de transgênicos oferece informações e dicas sobre a qualidade e sobre pesquisas sobre o assunto, já o que aborda a extinção de peixes é um game, que instrui divertindo. A definição dos objetivos desejados auxilia na manutenção de expectativas e o melhor aproveitamento dos resultados.

Seguem abaixo alguns poucos exemplos de aplicativos sociais para ilustrar a variedade de iniciativas nesta área:

- Charity Miles: é um aplicativo gratuito que rentabiliza treinos em corridas, caminhadas e ciclismo para beneficiar a caridade. De acordo com seu criador, o aplicativo é muito simples de usar: tudo que o usuário tem a fazer é escolher uma instituição de caridade e pressionar o botão de “start” e o aplicativo acompanha a distância percorrida. Ciclistas ganham 10 centavos de dólar por milha para a sua caridade, caminhantes e corredores 25 centavos por milha. Os patrocinadores corporativos pagam pelas milhas acumuladas revertendo os valores em publicidade veiculadas no App;

- AdaFarma: o aplicativo foi construído em plataforma *Android* para facilitar a aquisição de medicamentos, indicando a localidade mais próxima do usuário (incluindo a Farmácia Popular) que contém a medicação. O App nasceu da proposta de auxiliar na fase de aderência ao tratamento médico, onde é desejável que a aquisição de medicamentos seja realizada de forma ágil, correta e com o menor custo. As principais funcionalidades implementadas foram a leitura da receita médica de forma digital, para facilitar a compreensão da correta dosagem de medicamentos; a busca dos medicamentos nas farmácias; e a criação da rota com as drogarias que apresentam

melhor custo benefício; além da criação automática de alarme e histórico, lembrando ao paciente quanto ao dia/horário de uso e guardando um histórico dos remédios já utilizados, o que permite o acesso a uma rica informação que ajuda profissionais da saúde, cuidadores e os próprios usuários do AdaFarma;

- Love Songs App: foi desenvolvido para ampliar a visibilidade da Forest Hills, N.Y, uma instituição sem fins lucrativos que compõe músicas personalizadas para crianças com deficiências motoras ou mentais graves e doenças crônicas;

- Humble Jumbo Bundle: a proposta do app é fomentar a indústria de *games* e fazer caridade. O app disponibiliza uma série de jogos para PC, Mac ou Android, e o usuário decide quanto deseja gastar. Os valores são revertidos para ONGs cadastradas e para os criadores dos *games*. Ao pagar, o usuário escolhe quanto quer gastar e quais serão as ONGs beneficiadas com as doações;

- GoFundMe: o app funciona com o princípio do *crowdfunding*, onde cada pessoa doa um pouco gerando grandes resultados. Desenvolvido para as plataformas Android e iOS, o aplicativo é uma porta para a página oficial da empresa que auxilia pessoas e instituições a angariar recursos para situações específicas, dentro de um escopo de necessidades humanitárias. O usuário escolhe um projeto ou causa e o valor que deseja doar, cujo mínimo é 1 centavo de dólar. Há opções para ajudar a pagar as contas médicas de um idoso sem recursos, patrocinar a faculdade de um estudante carente, contribuir com instituições que auxiliam animais abandonados, patrocinar pesquisas para doenças e etc.

De acordo com dados da *Appfigures*, uma empresa americana de análise de dados sobre aplicativos, no ano de 2015 o *Google Play* atingiu a marca de 1,43 milhão de aplicativos enquanto a *Apple App Store* continha 1,21 milhão. Não existe uma estimativa de quantos destes sejam elaborados com propósitos cívicos-sociais mas é correto afirmar que a cada ano, o número de apps com tais propósitos aumenta expressivamente e, assim como nas áreas da saúde e educação ainda carecem pesquisas que atestem os benefícios de tais ferramentas, na área social também não existem dados concretos sobre os impactos reais de um app cívico social sobre determinada causa em comparação com outras iniciativas que passem ao largo da realidade das inovações tecnológicas que vivenciamos.

O relatório *Charitable Giving 2015* [28] aponta que 3.983 organizações sem fins lucrativos receberam recursos financeiros por meio de dispositivos *online*, incluindo Apps e páginas na internet, o que representou uma arrecadação de US\$ 2,2 bilhões em captação. Estima-se que 14% destas transações *online* tenham sido realizadas por dispositivos móveis e seus Apps. Um ponto a destacar é que, de acordo com o relatório, em países com a economia estabilizada e que não estavam enfrentando diretamente as questões impostas pelas oscilações econômicas e pela guerra na Síria, houve maior crescimento das doações *online* do que das doações tradicionais. O relatório considera está em curso a transição das doações tradicionais para as digitais, pois as mudanças no comportamento do consumidor cada vez mais próximo de seus *smartphones*, também são observadas no comportamento do doador. Portanto, o relatório alerta que mudanças de procedimentos nas instituições de médio e pequeno porte deverão ser realizadas, adaptando-as ao imperativo tecnológico que aponta para um novo caminho no engajamento de doadores.

Não foi encontrado no relatório os números de beneficiados com os aplicativos sociais, mas de acordo com algumas

estimativas feitas pelos próprios Apps, pode-se afirmar que os aplicativos cívicos-sociais são uma forte tendência de uso.

5. METODOLOGIA

A metodologia seguida para o desenvolvimento do aplicativo, descrito a seguir, compreendeu os seguintes passos:

- pesquisa bibliográfica: foi realizado levantamento bibliográfico para o conhecimento do estado da arte do tema proposto, efetuando-se consultas à base Elsevier Scopus;

- definição do escopo do aplicativo: emprego do método *Challenge Based Learning* (CBL) para a definição do escopo do aplicativo e identificação dos atores essenciais para alcançar os objetivos propostos, além de interações presenciais para levantamentos de necessidades e de requisitos do aplicativo;

- desenvolvimento do aplicativo;

- testes e publicação: o aplicativo desenvolvido foi testado durante trinta dias com vários pesquisadores e interessados e após os ajustes das sugestões recebidas, o aplicativo foi publicado na *App Store*.

Para o seu desenvolvimento, foram utilizadas duas metodologias:

- a aprendizagem baseada em desafios (*Challenge Based Learning* - CBL), que é colaborativa e orienta os desenvolvedores a trabalhar com especialistas para o aprofundamento do conhecimento sobre os temas dos aplicativos [18, 19];

- Scrum, que é uma metodologia ágil para a gestão e planejamento de projetos de software. No Scrum, os projetos são divididos em ciclos chamados *Sprints*, que compreende o conjunto de atividades a serem executadas [20].

O foco principal está em aceitar e resolver desafios, executando ações, compartilhando a sua experiência e entrando em uma discussão global sobre questões importantes.

O CBL, apresentado na Figura 2, começa com uma grande ideia e segue as etapas: definição de questões essenciais; identificação do desafio; proposição de questões guias; descrição de atividades, recursos, determinação e articulação da solução; medidas para implementar a solução e avaliação dos resultados. O processo também integra atividades importantes em curso, como reflexão, avaliação e documentação.

6. O APLICATIVO SOLIDARIUS

O aplicativo Solidarius foi desenvolvido no projeto BEPiD (*Brazilian Education Program for iOS Development*) da Universidade Católica de Brasília, que visa a capacitação de estudantes no desenvolvimento de aplicativos para a plataforma iOS. Além da capacitação, os estudantes publicam os seus aplicativos na *App Store* da Apple.

Entre os objetivos do projeto, estimula-se o empreendedorismo social que se refere a qualquer iniciativa empreendedora feita com o intuito de avançar em causas sociais e ambientais. Essas iniciativas podem ser com ou sem fins lucrativos, englobando aplicações na área de saúde, educação, transparência governamental, cidadania, entre outras. Enfatiza-se com os estudantes que o empreendedorismo social busca conciliar avanços tecnológicos e outros progressos com um meio ambiente saudável e boas condições de vida para todos.

O desenvolvimento do aplicativo Solidarius teve seu início em 20 de abril de 2015 e foi criado sob a orientação de criar

vínculos colaborativos com a sociedade.



Figura 2 – Diagrama do CBL.

A palavra solidariedade, de acordo com o filósofo Roberto Patrus [21], advém etimologicamente de *solidus* em latim, que significa sólido e consistente. Da palavra derivam o substantivo *solum* (fundamento e apoio) e os verbos *solidare* (consolidar, segurar, fazer sólido) e *solidescere* (tornar sólido). Segundo o dicionário da língua portuguesa com acordo ortográfico, a palavra solidariedade assume cinco sentidos: qualidade de solidário; sentimento que leva a prestar auxílio a alguém; responsabilidade recíproca entre elementos de um grupo social; adesão ou apoio a uma causa ou a um princípio; sentimento de partilha do sofrimento alheio. Ao se unir os três conjuntos de sentidos, tem-se que ser solidário é cooperar com o outro, partilhando do sentimento de sofrimento, para consolidar, tornar sólido, por meio de um laço ou ligação mútua, algo maior do qual se sente parte.

Pode-se assim distinguir a cooperação pragmática da cooperação solidária. A primeira designa a atuação colaborativa que não é solidária. Seu agente busca trabalhar junto tendo em vista o benefício pragmático de sua atuação. A segunda, a cooperação solidária, implica na consciência do agente de que sua atuação contribui para a consolidação de algo que deseja solidificar, tornar sólido. Em ambos os sentidos, o trabalho é colaborativo, ou seja, implica a noção de contribuir com o outro.

Para o trabalho colaborativo ganhar o adjetivo de solidário, ele tem algo além da mera cooperação pragmática. Este algo não é apenas a compreensão de cooperar com o outro, mas de saber que sua atuação consolida o todo do qual faz parte. A cooperação solidária abrange a percepção abstrata de que há um jeito de ser e de fazer que se deseja consolidar. Trabalha-se para a construção de um coletivo quando se é solidário, ao passo que a cooperação pragmática está restrita ao benefício para o agente da sua própria atuação. A cooperação solidária exige do agente uma filosofia de vida comunitária e uma firme disposição de contribuir para a construção do bem comum.

Nesse sentido, o objetivo do projeto foi o de formular um triângulo de comunicação, entre usuários que têm condições de ajudar com produtos doados a uma instituição de caridade, por segundo as próprias instituições de caridade, e as famílias em situação de vulnerabilidade que recebem a doação. A Figura 3 apresenta um diagrama da arquitetura do aplicativo.

Entre as diretrizes norteadoras do escopo do projeto, destacam-

se as seguintes:

- a) o usuário poderá doar através de uma interface intuitiva, onde terá opções para escolher itens e quantidades que deseja doar;
- b) o usuário selecionará dias e horários, bem como o local, considerado mais cômodo para que a instituição recebedora recolha as doações;
- c) ao finalizar a doação, o usuário poderá acompanhar o processo em que se encontra a mesma, armazenando o histórico de suas doações em seu perfil;
- d) a edição de dados cadastrais (nome, e-mail, endereço) poderá ser realizada a qualquer tempo pelo usuário;
- e) a instituição poderá lançar campanhas temporárias para arrecadação de itens visando atender uma necessidade específica local, regional, nacional ou internacional;
- f) as campanhas ficarão dispostas na página inicial do aplicativo, permitindo integração imediata do usuário que simpatizar com a causa da campanha.

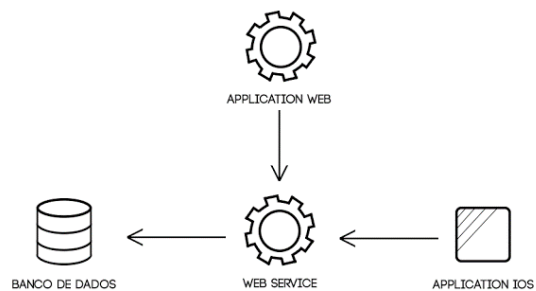


Figura 3 - Diagrama de arquitetura do Solidarius.

O aplicativo Solidarius foi desenvolvido de acordo com as demandas, estruturas e necessidades da instituição caritativa Sociedade São Vicente de Paulo-SSVP, vinculada à Igreja Católica e mais conhecida como Vicentinos. Composta de 33 Conselhos metropolitanos em todo o Brasil, a SSVP tem 170 anos. O Conselho Metropolitano de Brasília auxilia hoje aproximadamente 60 mil pessoas em vulnerabilidades sociais e conta com 6 mil voluntários.

O Solidarius possui uma versão para *smartphones*, que é visualizada pelos usuários que baixarem o aplicativo para realizar as doações, e um componente de administração web para gerenciamento das doações, controle dos dados e elaboração de relatórios que será administrado pelos Vicentinos.

A Figura 4 apresenta a tela inicial do aplicativo e a tela de cadastro. Para fazer a doação, o interessado deverá preencher um cadastro com dados pessoais, endereço e telefone. Isso é necessário para que o processo de doação possa ser efetuado.

A Figura 5 mostra as telas que possibilitam a escolha do tipo e do item a ser doado, respectivamente. O doador pode escolher itens dos seguintes tipos: alimentação, brinquedos, doméstico, educação, eletrônicos, higiênico e vestuário. Ao selecionar um tipo, a tela seguinte irá possibilitar a escolha de um item cadastrado previamente no aplicativo.

A primeira tela da Figura 6 exhibe os itens escolhidos para uma doação. A tela seguinte mostra as doações realizadas anteriormente.

Em abril de 2016 a equipe de desenvolvedores deu por finalizada a elaboração do aplicativo e o publicou, para *download* gratuito, no *iTunes* e na *App Store* para que os

Vicentinos iniciassem a fase de testes. A equipe da SSVF atualmente organiza esforços de treinamento e logística interna para poder receber as doações via aplicativo. O aplicativo foi preparado para futuramente, caso exista interesse, servir também a outras instituições com atividades sociais semelhantes à SSVF.



Figura 4 – Telas inicial e de cadastro.

7. CONCLUSÃO

A história dos objetos revela as características das sociedades que os produziram, pois, a tecnologia que os envolve, por quem e para quem foram desenvolvidas e as suas interações com a ciência, com os lugares e as épocas onde foram produzidas, desnuda os aspectos mais subjacentes de uma era [22]. Os aplicativos são ferramentas que podem sintetizar ou representar a era que vivemos, não apenas pela sua presença na maior parte das populações urbanas em todo planeta, mas pelas mudanças de comportamento que acarretaram e ainda irão produzir.

Os aplicativos sociais, por sua vez, representam uma pequena parcela dentro da enormidade de tipos de *softwares* existentes, e, no entanto, ao se analisar alguns de seus aspectos, surgem uma série de sinais sobre o tempo em que vivemos e as pessoas que estamos nos tornando com as mútuas influências dessas ferramentas.

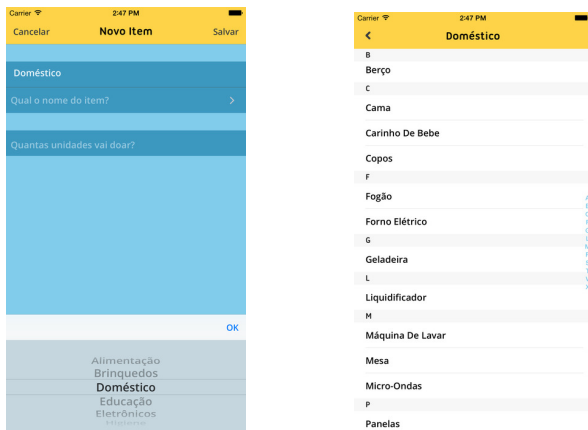


Figura 5 – Telas de tipo e itens cadastrados.

Os aplicativos sociais são uma via alternativa ao padrão de uso da tecnologia voltado exaustivamente para o eixo gerencial e de

consumo, sendo tais apps um uso da tecnologia que proporciona sentimentos como satisfação, gratidão e felicidade, em função da capacidade de ativar o altruísmo presente em seus usuários. Se ainda não conseguimos enquanto espécie resolver, com o uso das tecnologias que dispomos, as mazelas sociais graves que afrontam populações em diversas partes do globo, o uso de aplicativos sociais, sem participação ou alardes da iniciativa estatal, de grupos políticos e longe dos holofotes da mídia, tem contribuído de forma pontual com questões sociais, especialmente vinculadas ao auxílio de vulneráveis.

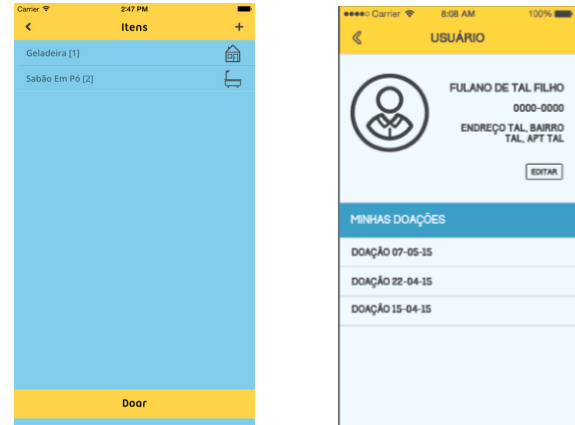


Figura 6 – Telas com as doações escolhidas e as realizadas no passado.

Infere-se que a mesma tecnologia que proporciona um distanciamento nas relações e um isolamento do indivíduo, é a aquela que, por meio dos Apps sociais, pode unir pessoas e propiciar relações sociais despreziosas, mas que apontam profundos impactos na autoestima e no bem-estar de seus usuários.

Com os Apps sociais surge a possibilidade de uma nova perspectiva quando, a princípio, eles serão responsáveis por propiciar novos relacionamentos, novos tipos de aproximações e encontros. É como se a tecnologia que num primeiro momento apartou grupos sociais e atomizou indivíduos nas últimas décadas, se reconfigurasse nesse tempo recriando teias de conexão que possibilitam o fortalecimento e o empoderamento dos indivíduos e criam pontes capazes de conectar pessoas com grupos sociais fora de seus círculos comuns. Não se questiona o fenômeno do isolamento do indivíduo, mas surge com os processos que envolvem as trocas por Apps sociais uma nova nuance de conexões e relacionamentos que merece aprofundamentos.

Emerge também a constatação de que o aplicativo Solidarius, apesar de desenvolvido com o objetivo de atender a uma necessidade específica de facilitar e aumentar as doações de mantimentos e utensílios para uma instituição caritativa, que as distribui para famílias em vulnerabilidade, poderá promover serviços de utilidade pública. Entre estes serviços pode-se citar o recolhimento e a destinação adequados de itens como roupas, móveis e eletrodomésticos. Ao mesmo tempo, favorecerá a reflexão sobre o consumo consciente, a reutilização produtiva e os mecanismos de sustentabilidade a que todos devemos procurar e responder. Independente do objetivo para o qual tenha sido criado, o aplicativo social assume papéis e provoca reflexos que tendem a somar, em diferentes níveis, para o bem comum.

AGRADECIMENTOS

O aplicativo Solidarius foi desenvolvido pelos estudantes Augusto César do Nascimento Reis, Caio Vasconcelos de Souza, Júlio César Menezes Noronha, Luciano dos Passos Almeida e Pedro Henrique Jaime Fabrino, bolsistas de pesquisa do Projeto BEPiD da Universidade Católica de Brasília (UCB).

REFERENCIAS

- [1] DICKSON, David. **Tecnologia Alternativa**. Madrid: Hermann Blume, 1980.
- [2] SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- [3] GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como Doença Social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. 4. ed. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- [4] MANYIKA, J.; CHUI, M.; BUGHIN, J.; Dobbs, R.; BISSON, P.; MARRS, A. **Disruptive technologies: Advances that will transform life, business, and the global economy**, McKinsey Global Institute, May 2013.
- [5] BAUMGARTEN, Máira. **Tecnologia Sociais e inovação social**. In: CATTANI, Antônio David; HOLZMANN, Lorena Zouk. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, p. 45-54, 2011.
- [6] LEITE, Noélia Silva Ladislau; CUNHA, Sueli Rezende; TAVARES, Maria de Fátima Lobato. **Empowerment das famílias de crianças dependentes de tecnologia: desafios conceituais e a educação crítico-reflexiva freireana**. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 1, n. 19, p.152- 156, 2011.
- [7] VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador**. 2005. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf. Acesso em: 19 out. 2015.
- [8] BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia-MCT. **Tecnologias Sociais: descrição da Tecnologia Social**. 2015. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/full/308089.html>. Acesso em: 21 out. 2015.
- [9] DAGNINO, Renato; FRAGA, Laís; NOVAES, Henrique. **Educação em Ciência, Tecnologia e Sociedade para as engenharias: obstáculos e propostas**. In: RENATO, Dagnino (Org.). **Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia & Política de Ciência e Tecnologia: abordagens alternativas para a América Latina**. Campina Grande: Eduepb, 2010. p. 213-234.
- [10] BARBIERI, José Carlos; RODRIGUES, Ivete. **A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável**. **Revista de Administração Pública**, v. 6, n. 42, p.1069-1094, 2008.
- [11] LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. 2004. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- [12] MOURA FE, Ana Lucia Damasceno. **Tecnologias móveis e vida pessoal: Uma pesquisa sobre o impacto da comunicação sem fio no tempo de trabalho e nas demais esferas da vida**. 2008. 163 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Semiótica, Signo e Significado das Mídias, PUC-SP, São Paulo, 2008.
- [13] NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos**. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p.265-373, dez. 2005. Set/dez.
- [14] ZAMBARDA, Pedro. **Internet das Coisas: entenda o conceito e o que muda com a tecnologia**. 2014. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/08/internet-das-coisas-entenda-o-conceito-e-o-que-muda-com-tecnologia.html>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- [15] BAUMAN, Zygmund. **Vigilância Líquida: diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- [16] ANGOTTI, José André Peres; AUTH, Milton Antônio. **Ciência e Tecnologia: Implicações Sociais e o Papel da Educação**. **Ciência e Educação**, v. 7, n. 1, p.15-27, 2001.
- [17] BAZZO, Walter Antonio; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto; PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel. **O Contexto Científico-tecnológico e Social Acerca de Uma Abordagem Crítico-reflexiva: Perspectiva e Enfoque**. **Oei - Revista Iberoamericana de Educación**, v. 1, n. 49, p.1-14, 25 mar. 2009.
- [18] NICHOLS, M.; CATOR, K.; TORRES, M. **Challenge Based Learner User Guide**. Redwood City, CA: Digital Promise, 2016.
- [19] NICHOLS, M.; CATOR, K. **Challenge Based Learning**. White Paper. Cupertino, California: Apple, Inc., 2008.
- [20] PRIKLANDNICKI, R.; WILLI, R.; MILANI, F. **Métodos ágeis para desenvolvimento de software**. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- [21] PATRUS, Roberto. **Cooperação e Solidariedade: considerações etimológicas sobre a colaboração**. 2013. Disponível em: <http://www.plurale.com.br/site/noticias-detalhes.php?cod=12941&codSecao=2>. Acesso em: 24 maio 2016.
- [22] BELENS, Adroaldo de Jesus; PORTO, Cristiane de Magalhães. **Ciência e Tecnologia, uma abordagem histórica da informação**. In: PORTO, Cristiane de Magalhães (Org.). **Difusão e Cultura Científica: alguns recortes**. Salvador: Edufba, 2009. p. 23-43.
- [23] BAUMAN, Zygmund. **Vigilância Líquida: diálogos com David Lyon**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- [24] BAUMAN, Zygmund. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- [25] IANNI, Otávio. **Enigmas da Modernidade Mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- [26] JENSEN, Olga. **Use of new mobile media by nonprofits and development of societal mobile apps**. **Publicationen Der Md.h: Mediadesign Hochschule**, Berlin, v. 1, n. 1, p.4-25, 2011.
- [27] ESCORSIM, Silvana Maria. **A filantropia no Brasil: entre a caridade e a política de assistência social**. **Espaço Acadêmico**, São Paulo, n. 86, p.1-8, jul. 2008.
- [28] FIDELITY CHARITABLE. **2015 Giving Report: A Deeper Look at Fidelity Charitable Donors and the Many Ways They Give**. New York: Fidelity Charitable, 2015.